

Escolha do cônjuge em Portugal

Rodrigo Rosa

Introdução

Com base numa amostra representativa,⁵¹ pretende-se demonstrar não só que a escolha do cônjuge representa uma etapa decisiva na diferenciação social, mas também a importância dos cenários de interacção no processo de escolha. Contrariando o imaginário romântico, segundo o qual a decisão de casar seria hoje inteiramente dominada por sentimentos alheios a determinantes de natureza social, diversos estudos vieram revelar a importância da proximidade social dos indivíduos na escolha do cônjuge (Girard 1981, 1964; Roussel 1975; Desrosières 1978; Kellerhals *et al.* 1982; Bozon e Héran 1987, 1988). Realizados em sociedades que atravessaram processos de transformação de contornos, de alguma forma, comparáveis aos recentemente observados em Portugal, como a industrialização, o desenvolvimento do sector dos serviços, as migrações internas para as zonas urbanas, a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho ou a aposta gradual nos recursos educacionais (Almeida, Costa, Machado 1994), esses trabalhos demonstraram o papel da união conjugal – tendencialmente homogâmica – no processo de diferenciação social. Partimos então da hipótese de que o casamento ou a união conjugal com um homem de posição social semelhante – isto é, pertencente ao mesmo grupo socioprofissional ou a um grupo socioprofissional próximo do ponto de vista dos recursos socio-económicos e educacionais – é também a grande tendência dos casais na amostra.

Por outro lado, os estudos não se limitaram demonstrar a inclinação homogâmica na sociedade contemporânea. Também provaram o papel dos cenários de interacção e das redes de sociabilidade no processo de escolha, revelando que conhecer o cônjuge na escola ou na universidade, bem como em locais privados como as reuniões ou festas em casa de amigos, é próprio dos indivíduos oriundos dos meios favorecidos, precisamente em contraste com os encontros amorosos no baile, no bairro, na aldeia, em locais públicos ou com as situações em que os parceiros sempre se conheceram, locais ou circunstâncias característicos dos meios menos privilegiados. O levantamento dos cenários de interacção onde se desenrolou o encontro entre inquiridas e respectivos parceiros é assim fundamental se pretendemos entrever o processo de escolha de cônjuge.

⁵¹ A análise tem por base o inquérito *Famílias no Portugal Contemporâneo*, representativo ao nível do continente das mulheres a viver em conjugalidade com filhos dependentes, mais precisamente, das mulheres com idades compreendidas entre os 25 e os 49 anos, casadas ou a viver em união de facto, com filhos de idades não inferiores a 6 anos e não superiores a 16 anos.

A homogamia socioprofissional

Quando comparamos o perfil social das inquiridas com o do respectivo cônjuge, observamos claramente que a proximidade social é o critério-padrão na escolha do cônjuge. De acordo com os valores sublinhados no quadro n.º 1 – respeitantes às situações em que os parceiros pertenciam ao mesmo grupo socioprofissional ou a um grupo próximo do ponto de vista dos recursos – a homogamia socioprofissional caracteriza mais de dois terços (73,2%) das uniões conjugais. Os casamentos desiguais são assim minoritários e tanto mais improváveis quanto mais acentuada essa desigualdade, como ilustra a ausência de casamentos entre indivíduos com profissões agrícolas e o grupo mais favorecido dos empresários e dirigentes.

Quadro n.º 1 - Posição social do homem e posição social da mulher no início da vida conjugal⁵²

		Posição social do homem											Total N = 1493
		ED	PIC	PTEI	EEQ	PP	I	ENQS	OIQ	OINQ	C	OA	
Posição social da mulher	ED	0.1	-	0.1	0.2	0.1	0.1	0.1	0.1	0.1	-	-	1.0
	PIC	0.2	3.5	0.7	1.3	0.2	0.1	0.9	0.3	0.1	-	0.1	7.4
	PTEI	0.2	0.5	0.9	0.5	-	0.1	0.5	0.5	0.1	-	-	3.3
	EEQ	0.4	0.8	1.9	1.4	0.1	0.3	1.9	1.6	0.8	0.1	-	9.3
	PP	0.1	-	0.1	-	0.4	0.1	0.4	0.3	0.3	-	0.1	1.8
	I	0.1	-	0.3	-	0.1	1.1	0.6	0.9	1.3	-	0.2	4.6
	ENQS	0.2	0.5	1.1	1.2	0.5	0.9	6.1	5.4	5.8	0.4	0.6	22.6
	OIQ	0.1	0.1	0.2	0.1	0.1	0.7	0.7	4.6	3.3	-	0.5	10.4
	OINQ	0.2	0.1	0.3	0.6	0.5	0.5	2.7	6.4	8.9	0.3	0.7	21.1
	C	-	-	0.1	0.1	0.1	0.6	0.7	1.3	3.5	1.9	1.3	9.8
OA	-	-	-	0.1	0.1	0.4	0.7	1.6	3.5	0.3	1.8	8.5	
Total		1.7	5.4	5.7	5.6	2.3	4.8	15.5	23.0	27.6	3.1	5.3	100.0

ED – Empresários e Dirigentes; PIC – Profissões intelectuais e Científicas; PTEI – Profissões Técnicas e de Enquadramento Intermédio; EEQ – Empregados Executantes Qualificados; PP – Pequenos Patrões; I – Independentes; ENQS – Empregados Não Qualificados dos Serviços; OIQ – Operários Industriais Qualificados; OINQ – Operários Industriais Não Qualificados; C – Camponeses; OA – Operários Agrícolas.

Por outro lado, que o casamento homogâmico caracteriza todos os grupos socioprofissionais é o que revelam os valores expostos no quadro n.º 2.⁵³ Em determinados grupos socioprofissionais observamos que a maior parte das mulheres casa com um homem pertencente ao mesmo grupo (PIC, PP, OIQ, OINQ). Já nos restantes meios socioprofissionais, se é verdade que, na maior

⁵² As mulheres domésticas no início da vida conjugal foram classificadas segundo a posição social do pai.

⁵³ Repare-se que todos os valores na diagonal do quadro n.º 2 – correspondentes à proporção de mulheres de cada grupo socioprofissional que realizou um casamento homogâmico – se destacam pela positiva em relação à média. Por exemplo, o facto de 15,6% de empregadas executantes qualificadas não deixa de ser bastante significativo perante a reduzida proporção de homens pertencentes ao mesmo grupo socioprofissional: 5,6%.

parte das vezes, o casamento se realiza com um homem pertencente a outro grupo, nem por isso a escolha deixa de se inclinar para o socialmente próximo. A união conjugal entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos socio-profissionais traduz-se com maior frequência numa combinação de posições socialmente homólogas, como atestam, por exemplo: os frequentes casamentos entre camponesas (36%) ou operárias agrícolas (44,3%) e operários industriais não qualificados; ou os numerosos casamentos entre empregadas executantes não qualificadas e operários indústria. Refira-se ainda o facto de as mulheres na condição de domésticas, condição marginal face ao mercado de trabalho e, por isso mesmo, distante da independência objectiva que uma “relação directa” com a estrutura social proporciona (Wright 1997), casarem na sua maioria com assalariados da indústria.

Quadro n.º 2 - Posição social do homem segundo a posição social da mulher no início da vida conjugal

		Posição social do homem												Total	
		ED	PIC	PTEI	EEQ	PP	I	ENQS	OIQ	OINQ	C	OA			
		%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	N	
Posição social da mulher	ED	0.3	50.0	-	-	-	25.0	25.0	-	-	-	-	-	100.0	4
	PIC	7.3	2.7	47.3	9.1	17.3	2.7	1.8	12.7	4.5	0.9	-	0.9	100.0	110
	PTEI	2.9	6.8	13.6	25.0	18.2	-	2.3	15.9	15.9	2.3	-	-	100.0	44
	EEQ	9.0	4.4	8.9	21.5	15.6	0.7	3.0	21.5	16.3	7.4	0.7	-	100.0	135
	PP	1.0	6.7	-	-	-	40.0	6.7	20.0	13.3	6.7	-	6.7	100.0	15
	I	2.5	5.3	-	7.9	-	2.6	23.7	13.2	26.3	21.1	-	-	100.0	38
	ENQS	20.7	1.0	1.6	5.4	5.8	2.6	3.8	26.9	23.7	25.3	1.0	2.9	100.0	312
	OIQ	7.6	1.7	-	2.6	0.9	-	6.1	7.0	48.7	31.3	-	1.7	100.0	115
	OINQ	15.8	1.3	-	1.7	2.9	2.1	1.3	13.4	31.1	41.6	1.3	3.4	100.0	238
	C	5.4	-	-	-	1.2	2.4	3.7	6.1	8.5	36.6	28.0	13.4	100.0	82
	OA	5.2	-	-	-	1.3	-	3.8	7.6	13.9	44.3	2.5	26.6	100.0	79
	Domésticas	22.2	0.3	1.5	2.4	2.4	2.1	8.1	12.3	23.1	35.9	4.2	7.8	100.0	334
Total	%	1.7	5.3	5.6	5.6	2.3	4.8	15.5	22.9	27.9	3.1	5.2	100.0	1506	
	N	26	80	85	84	34	73	234	345	420	46	79	1506		

Não obstante a generalização do padrão homogâmico, deve notar-se também a presença de algumas tendências heterogâmicas. Nos grupos das profissões técnicas e de enquadramento intermédio e das empregadas qualificadas, a homogamia coexiste com tendências hipogâmicas, como revelam os frequentes casamentos com homens que ocupam posições pouco favorecidas – empregados não qualificados dos serviços ou operários industriais. Por outro lado, se bem que reduzidas, são igualmente destacáveis as proporções de casamentos não só de mulheres com profissões qualificadas (PIC, PTEI, EEQ) com empresários e dirigentes, mas sobretudo de trabalhadoras independentes, posição socialmente desfavorecida, com homens ocupando o lugar mais privilegiado do espaço social.

Em traços largos, na escolha das inquiridas preside um critério de vizinhança *social* com base na condição socioprofissional do homem, se bem que a homogamia *socioprofissional* propriamente dita tenha particular incidência

junto das profissões mais qualificadas, dos pequenos patrões e do operariado da indústria. O padrão homogâmico não deixa contudo de coexistir com algumas tendências heterogâmicas, certamente bem menos expressivas, mas ainda assim de relevar, como são a hipergamia das uniões entre empresários e dirigentes e trabalhadoras independentes, ou a hipogamia dos casamentos entre mulheres com profissões qualificadas e homens com profissões pouco qualificadas. A comparação das características socioprofissionais dos cônjuges permite averiguar o resultado da escolha, mas cumpre sublinhar que não é de forma mecânica esta escolha se processa. Sobre a importância decisiva dos cenários de interacção nesse processo esclarecer-nos-á a análise dos locais e das situações do encontro, que de seguida nos ocupará.

Locais e situações de encontro

Diversas pesquisas demonstraram que a escolha do cônjuge não pode confundir-se com a “procura sistemática e mecânica do semelhante” (Girard 1981/1964; Bozon e Héran. 1987, 1988; Almeida, Sobral, Ferrão 1997). Trata-se na realidade de um processo para o qual as situações de interacção contribuem de forma decisiva. Neste sentido, os locais e as circunstâncias do encontro constituem um indicador privilegiado do modo como os cenários de interacção delimitam o campo dos possíveis no que toca à escolha do cônjuge.

Tendo Portugal conhecido nas décadas mais recentes um movimento global de escolarização, e sendo assim em estabelecimentos de ensino que um cada vez maior número de indivíduos vive grande parte da sua adolescência, é de supor que estes contextos constituam um cenário cada vez mais plausível para o encontro entre futuros cônjuges. Conhecer o cônjuge na escola ou na faculdade é, com efeito, tanto mais provável quanto prolongado o investimento na escolaridade. Os dados do inquérito demonstram que os estabelecimentos de ensino constituem um local onde conhecem desde sempre, o encontro no bairro/aldeia ou no local de trabalho são uma especificidade dos meios sociais menos favorecidos ligados ao campo e à indústria, onde a fugaz incursão pelo universo da escola e a precoce entrada no mundo do trabalho implicam que as circunstâncias de encontro se circunscrevam ao círculo da comunidade de origem, que por sua vez “assegura”, como observaram A. N. de Almeida, J. Sobral e J. Ferrão, “uma escolha acertada, isto é, realizada dentro das suas teias e – portanto – recaindo sobre um semelhante” (1997: 892). De resto, os encontros no local de trabalho, no bairro, na aldeia ou as situações em que os cônjuges se conhecem desde a infância parecem ainda na origem da homogamia verificada entre os pequenos patrões – onde se incluem, entre outras, as situações envolvendo o pequeno negócio, frequentemente de carácter familiar – sugerindo também aqui uma escolha homogâmica condicionada pelas redes de vizinhança e de parentesco, isto é, pelo contexto social de origem. aqueles que prolongaram os estudos, exercendo já uma profissão qualificada (PIC, PTEI, EEQ) no início da vida conjugal, conheceram o seu parceiro/a (quadro

n.º 3).⁵⁴ Por aqui se explica certamente a forte homogamia socioprofissional nos grupos mais qualificados.

O local de férias parece constituir também um contexto propício para o encontro entre os indivíduos com profissões qualificadas, sendo este um local igualmente privilegiado pelos homens empresários e dirigentes. A importância deste local de encontro na escolha do cônjuge no sentido da homogamia parece aqui evidente, na medida em que a possibilidade de deslocação durante as férias está, porventura, mais associada aos grupos socioprofissionais favorecidos. De igual modo, conhecer o cônjuge num local privado como a casa de amigos revela-se um comportamento mais frequente entre os indivíduos dos grupos mais favorecidos e qualificados. A selectividade implícita de uma circunstância privada como um encontro em casa de amigos explica que a escolha recaia sobre um parceiro socialmente próximo.

Pelo contrário, as situações em que os cônjuges se conhecem desde sempre, no bairro, na aldeia, no baile, numa festa ou numa reunião de família, ou, então, em lugares mais abertos e menos selectivos como os locais públicos caracterizam os grupos socioprofissionais menos privilegiados. As situações em que os cônjuges se se conhecem desde sempre, o encontro no bairro/aldeia ou no local de trabalho são uma especificidade dos meios sociais menos favorecidos ligados ao campo e à indústria, onde a fugaz incursão pelo universo da escola e a precoce entrada no mundo do trabalho implicam que as circunstâncias de encontro se circunscrevam ao círculo da comunidade de origem, que por sua vez “assegura”, como observaram A. N. de Almeida, J. Sobral e J. Ferrão, “uma escolha acertada, isto é, realizada dentro das suas teias e – portanto – recaindo sobre um semelhante” (1997: 892). De resto, os encontros no local de trabalho, no bairro, na aldeia ou as situações em que os cônjuges se conhecem desde a infância parecem ainda na origem da homogamia verificada entre os pequenos patrões – onde se incluem, entre outras, as situações envolvendo o pequeno negócio, frequentemente de carácter familiar – sugerindo também aqui uma escolha homogâmica condicionada pelas redes de vizinhança e de parentesco, isto é, pelo contexto social de origem

⁵⁴ Também Almeida, Sobral e Ferrão (1997) constataram a importância da escola (liceu ou universidade) não apenas como local de encontro, mas como factor “estruturante” do próprio campo de recrutamento do cônjuge entre os segmentos mais qualificados de um universo de sócios de empresas na periferia de Lisboa.

O facto de o baile constituir uma oportunidade de encontro para homens e mulheres dos grupos sociais ligados à indústria e ao campo não constitui surpresa. É sabido que o baile assume nos meios industriais e agrícolas explicitamente essa função, permitindo aos próprios familiares controlarem a escolha do parceiro (Bozon e Héran 1988). Esse efeito de controlo dos familiares, nomeadamente dos pais, será ainda mais marcante nas festas ou reuniões de família, circunstâncias que explicam bastante a homogamia observada nas franjas menos qualificadas da indústria e junto do operariado agrícola. Contextos mais abertos e menos selectivos, os locais públicos são sobretudo referidos pelos trabalhadores independentes e os assalariados da indústria. Ora se, pelo contrário, nos meios mais privilegiados o encontro tende a desenrolar-se em locais selectivos e privados, não surpreende que os locais públicos sejam sobretudo férteis para o encontro de indivíduos pertencentes a grupos socio-profissionais pouco favorecidos.

Os encontros que têm lugar no contexto da actividade profissional explicam a homogamia quer entre pequenos patrões, quer entre empregados não qualificados dos serviços ou operários qualificados. Caracterizado pela interacção de indivíduos com actividades profissionais idênticas ou próximas, não surpreende que o local de trabalho seja, conseqüentemente, palco de escolhas homogâmicas. Por sua vez, as festas de amigos são tão propícias ao encontro entre indivíduos que ocupam posições favorecidas, como à homogamia entre trabalhadores independentes ou entre empregados não qualificados dos serviços.

Mas os locais e as circunstâncias do encontro não constituem um indicador exclusivo da homogamia, funcionando igualmente como plataforma para desvios a este padrão. Contextos como a escola, o local de trabalho, o local de férias ou a festa entre amigos, uma vez característicos quer daqueles que exercem profissões qualificadas – nomeadamente os profissionais técnicos e os empregados executantes mais qualificados – quer dos empregados executantes não qualificados ou operários qualificados (no caso do local de trabalho), parecem possibilitar, afinal, o encontro entre indivíduos pertencentes a estes grupos, tão distintos do ponto de vista das qualificações.

Os locais e as circunstâncias do encontro fornecem ainda pistas preciosas na análise do modo como se processa a escolha nas situações em que os perfis sociais dos parceiros divergem num sentido hipogâmico. É o caso, como vimos anteriormente, dos casamentos hipogâmicos de mulheres com profissões qualificadas (PTEI e EEQ) com empregados não qualificados dos serviços. Como se vê, a escola, local de encontro característico entre as que prolongaram os estudos, não deixa também de se associar a homens com uma actividade profissional pouco qualificada como os empregados executantes não qualificados. Se o contexto português é marcado por um movimento global de escolarização, pode, de facto, interpretar-se estes casamentos hipogâmicos como uma opção feminina perante uma tensão identitária entre a inserção profissional ou a aposta na carreira, por um lado, e a sua origem social menos qualificada, por outro. À recusa da sua identidade feminina associada à distinção individual no mundo do trabalho, muitas mulheres preferem, como

alguns trabalhos já demonstraram, “a fusão no seu colectivo de pertença” (Amâncio 2001). Tal preferência pode eventualmente ter-se expressado na escolha destas mulheres qualificadas, que casaram com um homem bem menos próximo da sua posição actual, qualificada, do que da sua origem social, pouco qualificada.⁵⁵ E na génese desta subvalorização, porventura incorporada pela própria mulher, das qualificações e da conquista feminina de uma posição mais favorecida no mercado matrimonial, poderá também encontrar-se a mesma lógica que sustenta a real discriminação de salários com base no sexo ainda recentemente observada no mercado de trabalho (Lopes e Perista 1999). A identidade sexuada – a identidade de género – tem por base a relação social entre homem e mulher, percebendo-se, por isso, que a heterogamia resulte de definições do masculino e do feminino que, apesar das diferenças educacionais, se correspondem.

O papel do casamento na reprodução das assimetrias entre homens e mulheres reflecte-se na tendência homogâmica para as empregadas executantes não qualificadas casarem com operários qualificados da indústria. São estas mais provavelmente uniões em que os parceiros se conheceram no local de trabalho, num bar ou numa discoteca. De facto, actividades ligadas à indústria e aos serviços partilham muitas vezes o mesmo espaço de trabalho. O bar ou a discoteca, onde as empregadas tendem a conhecer o seu futuro cônjuge, são também locais onde os operários mais qualificados da indústria podem vir a encontrar a sua parceira. Estas uniões sugerem a importância do casamento na reprodução das desigualdades sociais e de género. Por um lado, operários e empregadas distinguem-se essencialmente pelo teor das actividades que exercem, sendo posições semelhantes, se não idênticas, do ponto de vista dos recursos. Por outro, se encontramos muito mais mulheres empregadas nos serviços, tal não se deverá concertar a uma originalidade feminina, mas ao facto de a maioria das profissões deste sector se definir pela transposição para o mercado de trabalho de funções caracterizantes da realidade marginal das mulheres domésticas.⁵⁶ A união entre empregadas e operários evidencia assim o duplo papel do casamento nos processos de diferenciação social e sexual. Afinal, a homogamia é aqui o resultado de definições socialmente muito próximas da masculinidade e da feminilidade.

Refira-se, por sua vez, a situação das mulheres domésticas, que, como vimos anteriormente, casam sobretudo com homens pertencentes aos grupos socioprofissionais menos privilegiados. No contexto dos trabalhadores da indústria o casamento funcionará sem dúvida como mecanismo de diferencia-

⁵⁵ Como observou L. Amâncio na sua pesquisa, as mulheres “moderam as suas aspirações, identificando-se com as mulheres de baixo estatuto e vendo nas mulheres de elevado estatuto a libertação da marca da sua categoria de pertença, através da assimilação do simbólico masculino e da perda dos atributos femininos.” (1994: 181).

⁵⁶ A maior presença de mulheres no sector terciário deve-se igualmente à simultaneidade da sua entrada maciça no mercado de trabalho e da expansão desse sector. Como recorda A Torres, “o crescimento do sector dos serviços, ou a procura de mão-de-obra precária, criam oportunidades mais facilmente adequadas à situação de discriminação das mulheres, gerando grandes círculos viciosos” (2001: 102).

ção de género consubstanciada na forma rígida de divisão do trabalho entre o homem profissional e a mulher doméstica. Que as domésticas tenham casado predominantemente com homens pertencentes a essas categorias socioprofissionais evidencia-nos a tendência destas mulheres para conhecer o cônjuge em locais e circunstâncias associados às profissões menos qualificadas: o baile, o bar, a discoteca, as festas ou reuniões de família, o bairro, a aldeia, as situações em que os cônjuges se conhecem desde sempre.

Por último, no que toca aos empresários e dirigentes, verificamos que o encontro em locais privados (a casa de amigos), em locais selectivos (locais de férias, festas entre amigos) ou mesmo no local de trabalho explica que os homens, forçados a fazer uma escolha heterogâmica devido à fraca presença feminina neste grupo socioprofissional, tendam a eleger uma parceira que exerce uma profissão qualificada (PIC, PTEI ou EEQ). Todavia, os empresários e dirigentes inclinam-se também para a união com mulheres que ocupam posições sociais pouco favorecidas, como as trabalhadoras independentes. Se a presença assimétrica de mulheres e homens no grupo dos empresários e dirigentes (quadro n.º 1) denuncia, só por si, as desigualdades sexuais no acesso à posição mais favorecida da estrutura socioprofissional, esta hipergamia vem atestar que as relações de género constituem “uma das principais formas por via das quais se estabelecem os ‘vínculos mediados’ [da mulher] com a estrutura de classes” (Wright 1997: 246). Se, consciente ou inconscientemente, estes casamentos resultaram de estratégias femininas de ascensão social, outros critérios que não o “valor social actual” da mulher, como diria Singly (1987), terão presidido a escolha masculina. A forte heterogamia é aqui o produto da correspondência de definições da identidade masculina e da identidade feminina distantes no espaço social. A essa correspondência não será estranho, porém, o baixo perfil educacional da maioria dos empresários e dirigentes. Por aqui se explica a heterogeneidade de cenários de interacção, potenciadores do encontro entre parceiros, que caracterizam este grupo mais favorecido. A significativa proporção de empresários e dirigentes que encontrou a sua parceira num local público, local de encontro que também se destaca entre as mulheres pertencentes a categorias socioprofissionais desfavorecidas, é esclarecedora do modo como se processa a escolha em determinadas situações. Longe de constituírem cenários de interacção que se integram em estilos de vida associados aos meios mais favorecidos e de assim actuarem como condicionantes no sentido da homogamia socioprofissional, os locais públicos funcionam aqui como espaços alternativos aos contextos socialmente selectivos que caracterizam os encontros nos meios mais privilegiados, propiciando uniões pelas quais se consolidam as assimetrias entre homens e mulheres que esta hipergamia reflecte.

Conclusão

Não obstante o cenário de transformação no sentido da escolarização e recomposição da estrutura socioprofissional, a homogamia revela o desempenho do casamento no processo de diferenciação social. Já se vê que, no que

toca à escolha do cônjuge, Portugal não parece diferenciar-se de países como a França (Bozon e Héran 1987) ou a Suíça (Kellerhals *et al.* 1982). Mas se a constatação da homogamia, simples resultado de um corte sincrónico, fornece indicações sobre o papel do casamento na diferenciação social, tem sempre pouco a dizer sobre o modo como se processa a escolha do cônjuge. Em contraste, os locais e as circunstâncias do encontro amoroso dão indicações preciosas desse processo. É certo que as circunstâncias do encontro não se resumem a quadros de interacção propícios à escolha homogâmica, podendo simultaneamente constituir plataformas para o enlace de indivíduos distantes no espaço social. É, por exemplo, o caso do local de férias, do local de trabalho ou das festas entre amigos, locais de encontro igualmente tão associados aos profissionais técnicos e de enquadramento como aos empregados executantes, qualificados ou não. Por aqui se explica provavelmente a tendência para os indivíduos daqueles grupos qualificados casarem com empregados executantes não qualificados. Todavia, e confirmando os resultados de outros trabalhos, a verdade é que, grosso modo, locais mais selectivos (o local de férias, a escola, a faculdade) ou privados (a casa de amigos) estão associados aos meios mais qualificados ou favorecidos, enquanto que espaços menos reservados (os bares, as discotecas, os locais públicos) ou situações reveladoras da influência do contexto social e familiar de origem na escolha (quando os parceiros se conhecem desde a infância, os encontros no bairro, na aldeia, no baile) são locais e circunstâncias característicos dos meios menos privilegiados.

Bibliografia

- Almeida, A. N., J. M. Sobral, J. Ferrão (1997), “Destinos cruzados: estruturas e processos de homogamia”. *Análise Social*, XXXII, n.ºs 143-144: 875-898.
- Almeida, J. F., Costa, A. F., Machado, F. L. (1994), “Recomposição socio-profissional e novos protagonismos”. In A. Reis (coord.), *Portugal – 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- Amâncio, L. (1994), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento.
- Amâncio, L. (2001), “O género na psicologia: uma história de desencontros e rupturas”. *Psicologia*, vol. XV (1): 9-26.
- Bozon, M., Héran, F. (1987), “La découverte du conjoint, I”. *Population*, n.º 6: 943-986.
- Bozon, M., Héran, F. (1988), “La découverte du conjoint, II”. *Population*, n.º 1: 121-150.
- Girard, A. (1981 [1964], *Le Choix du Conjoint*, Paris, PUF.
- Kellerhals, J., Perrin, J.-F., Steinauer-Cresson, G., Vonèche, L., Wirth, G. (1982), *Mariages au Quotidien: inégalités sociales, tensions culturelles et organisation familiale*, Lausanne, Pierre-Marcel Favre.
- Lopes, M. C., Perista, H. (coord.) (1999), *Práticas Laborais e Igualdade de Oportunidades*, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Roussel, L. (1975), *Le mariage dans la Société Française*, Paris, PUF-
-INED.

Singly, F. de. (1987), “Théorie critique de l’homogamie”. *L’Année Sociologique*, n.º 37: 181-205.

Torres. A. (2001), *Sociologia do Casamento – A Família e a Questão Feminina*, Oeiras, Celta.

Wright, E. O. (1997), *Class Counts*, Cambridge, Cambridge University Press.